

Latinos exigem urgência

Washington — Os representantes da América Latina exigiram a urgência de novos enfoques ao problema da dívida externa, mas encontraram pouca receptividade nos delegados do mundo industrializado, durante as reuniões preparatórias da assembléia anual conjunta do Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.

Nas deliberações do comitê interino, que dita as políticas do FMI, o Brasil, a Argentina e a Venezuela coincidiram em declarar o fracasso na estratégia ortodoxa contida no Plano Baker, apesar dos sacrifícios feitos pelos países devedores.

A falha, sublinhou o presidente do Banco Central da Venezuela, Hernan Anzola, está nos seguintes fatores: falta do financiamento prometido e contração dos mercados e preços dos produtos de exportação do terceiro mundo, em consequência da fraca taxa de crescimento do mundo industrial.

Ajustes

Bresser Pereira fez "tabela" com Anzola para levar a bola em profundidade ao campo dos industrializados e responsabilizou especialmente os Estados Unidos, Japão e Alemanha Federal.

"Mais que os países em

desenvolvimento, são os países industrializados que necessitam fazer ajustes profundos em suas economias. Já se sabe que a estabilidade das taxas de câmbio, a redução das taxas de juros e o reinício de um crescimento firme dependem da redução dos déficits fiscal e comercial dos Estados Unidos e da adoção de políticas expansionistas nos demais países industrializados, principalmente Japão e Alemanha Federal", disse Bresser Pereira.

O ministro argentino de economia, Juan Sourrouille, ressaltou também os desequilíbrios fiscais e comerciais do primeiro mundo, e assinalou que é impossível e inconveniente exigir dos países em desenvolvimento que se ajustem a uma economia mundial desorganizada.

Juros

Sourrouille destacou que as taxas reais de juros, cinco por cento acima de seu nível histórico, e a queda de preços das matérias-primas causada pela fraca demanda, excedentes e subsídios dos países industrializados, são responsáveis pelo grosso da dívida externa.

Se as taxas de juros e preços se mantivessem em seus níveis históricos, afirmou, a maioria dos países devedores teria superávit em suas contas externas.